

«No Brasil, o Poder foi corrompido. Alguns que o corromperam chegaram ao Governo já corruptos. Outros chegaram ao Poder pela corrupção»

Roberto Magalhães



«Espero que a Câmara e o Senado agora cumpram seu papel. Se os parlamentares da lista forem preservados, o Congresso será responsabilizado»

Jarbas Passarinho



Magalhães inicia a leitura de seu próprio relatório para o plenário da CPI



Klein, Passarinho e Roberto Magalhães: o fim da sessão histórica da CPI



Ladeado por Klein e Rollemberg, Passarinho examina o documento final

Gustavo Miranda

280 CPI não acabou em pizza

BRASÍLIA — Depois de uma histórica sessão de 12 horas, a CPI do Orçamento aprovou ontem, por unanimidade, o relatório do deputado Roberto Magalhães (PFL-PE). A Comissão concluiu pelo pedido de cassação de mandatos de 16 deputados e um senador. Mais 13 parlamentares ficarão sob investigação e dez foram absolvidos. O suplente Féres Nader (PTB-RJ), também considerado culpado, não poderá assumir o mandato.

— Haverá certamente quem diga que fizeram pizza da CPI. Isso é uma agressão injusta e que a CPI não merece. Nós não fizemos acordo algum para excluir qualquer pessoa. O único acordo que fizemos foi o de investigar a verdade e cumprimos nossa missão. Sangramos nossa própria carne — afirmou Passarinho.

Levantando o relatório como se fosse um troféu, pousando para fotógrafos sem disfarçar a alegria, Passarinho, o relator Roberto Magalhães (PFL-PE) e Odacir Klein (PMDB-RS) foram cumprimentados por dezenas de parlamentares, que fizeram fila para apertos de mãos e abraços.

Com o fim da CPI, os processos seguem agora para as Mesas Diretoras da Câmara e do Senado, que na próxima terça-feira iniciam os processos de investigação e cassação.

— No Brasil, o poder foi corrompido. Alguns dos que o corromperam, chegaram ao Governo já na condição de corruptos. E pode-se mesmo dizer que outros foram conduzidos ao poder



Protegidos por forte esquema de segurança, Jarbas Passarinho, Benito Gama e Roberto Magalhães conversam enquanto Garibaldi Alves lê o relatório

pela corrupção — disse Magalhães.

Com o risco de manobras para beneficiar parlamentares incluídos na lista, os principais líderes da Casa montaram um "cinturão" em torno do relatório para aprovarlo sem alterações. Foram apresentados 50 destaques, um dos quais tirou o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) da lista de inocentados e o colocou na relação dos que sofrerão maiores investigações.

As empreiteiras, que tiveram um relatório à parte feito pelo coordenador da subcomissão de patrimônio, José Paulo Bisol (PSB-RS), também saíram apenas com leves arranhões. O trabalho terá que ser feito agora pela CPI das Empreiteiras, já instalada pelo Congresso.

O deputado Aloizio Mercadante, em seu discurso, reclamou que não havia um relatório específico para as empreiteiras, sugerindo que fossem investigadas pelo Ministério Público.

Ao contrário da CPI do PC, que teve seu relatório final elogiado por praticamente todos os integrantes da Comissão, o parecer de Magalhães recebeu críticas de todos os lados. Na última hora, eles ainda tentaram, sem sucesso, aprovar destaques para a inclusão na lista dos cassados os deputados José Carlos Vasconcelos (PRN-PE), José Luiz Maia (PPR-PI), José Carlos Aleluia (PFL-BA) e do senador Sal danha Derzi (PP-MS).

— Será possível que não dá

para sair desta CPI elogiando? Temos sempre que sair chutando a porta? — protestava Mercadante (PT-SP), o mesmo que na quarta-feira se mostrava eufórico com os pedidos de cassação que incluía esses quatro nomes.

Do outro lado também houve insatisfeitos. O líder do PFL, Luiz Eduardo Magalhães (BA), apontou poucas falhas. Como exemplo, disse que a subcomissão de patrimônio cerceou o direito de defesa de Ricardo Fiúza

(PFL-PE) e não houve menção a esse respeito no relatório final.

— Apesar disso, o resultado final foi positivo, mas acho que não temos nada a comemorar. É muito constrangedor ver parlamentares cassados — afirmou Luís Eduardo.

O esquema montado para a realização da sessão acabou não sendo necessário. Ao contrário do que se previa, a maioria dos punidos preferiu não comparecer. À exceção de Carlos Benevides (PMDB-CE) e Aníbal Teixeira (PTB-MG), que, pela segunda vez, foi expulso do plenário da CPI por Passarinho (PPR-PA). Benevides não foi expulso, mas nas reclamações dava um banho em Aníbal Teixeira.

— Fui usado como bucha de canhão. O relator precisava botar mais pólvora no seu parecer. Como não tinha, usou a mim e a Flávio Derzi — reclamou.

O único momento em que o presidente da CPI perdeu o controle foi quando se viu obrigado a expulsar o deputado Aníbal Teixeira do plenário.

No final, Passarinho não escondeu sua emoção com a aprovação unânime do relatório:

— Eu me lembro quando cumprí minha primeira missão no Exército e cheguei para meu tenente e disse: "Missão cumprida". A próxima eleição vai mostrar que o Brasil mudou.

Passarinho disse que a CPI do Orçamento pode ser um bom exemplo para outros poderes:

— Ou é só no Legislativo que está o mal? — perguntou.